

## Conclusão

A estrutura metafísica do socratismo platônico oferece as bases para uma ciência da linguagem asceticamente formalizada; por sua vez, a linguística estrutural fornece as ferramentas teóricas necessárias para a formulação de um inconsciente psicanalítico colonizado pela paixão do negativo; ao mesmo tempo, o monoteísmo-dialético próprio a um hegelianismo cristão funda um desejo alienado por um significante escravizado. Nietzsche, quando critica a negação da vida espalhada pelo pensamento tradicional, ataca as bases teóricas da primeira fase da obra de Lacan – fase dominada por uma forte tendência estruturalista. O Nome-do-Pai que escraviza o desejo do sujeito nada mais é senão uma denominação moral que impõe um sentido à vida a partir da negação da multiplicidade dos fluxos esquizofrênicos capazes de empenhar a libido em um trajeto histórico-mundial.

O texto da Lei, em Lacan, torna-se uma língua majoritária: língua do Estado, edipianizante, língua dominante que confere um caráter falsamente homogêneo ao desejo esmagando a produção de diferença. É preciso esburacar essa língua maior fazendo passar um cortejo dionisíaco cuja potência desterritorializante faz nascer uma língua bastarda – língua puramente intensiva que afirma os pedaços em devir que a compõem. O ditirambo dionisíaco enquanto língua menor; música intensiva, desterritorializante, que faz passar um devir trágico pelo eu do herói despedaçando o seu nome. Édipo torna-se um verbo: um *efeito-Édipo*, nunca um lugar de chegada para o desejo.

O desprezo ao coro dionisíaco promovido pela apologia socrática às virtudes dialéticas da consciência é assim o silenciamento de uma língua menor; esmagamento da produção inconsciente, colonização dos fluxos desterritorializados produzidos pelas máquinas desejantes. Busquemos, portanto, a esquizofrenização do Nome-do-Pai pelo transbordamento dos fluidos; a esquizofrenização da dialética do significante a partir do caráter virtual do objeto fálico: falo-em-devir, falo-verbo, falo-acontecimento; esquizofrenização do sentido metafísico pela intensidade menor que desterritorializa a língua. Pergunta nietzschiana: o texto da Lei promove ou obstrui a expansão do desejo? Busquemos então as regiões órfãs, os desertos, lá onde o devir trágico da produção

esquizofrênica já explodiu as paredes da estrutura e já criou modos estrangeiros de se relacionar com a linguagem e com a vida, modos desejanteres que afirmam o estrangeirismo do devir-minoritário da linguagem – criação de uma língua estrangeira no interior da língua materna.

Kafka com Zaratustra: afirmação da intensidade e das metamorfoses. O alemão que é desterritorializado e transformado pelo devir-menor da língua, pelo tcheco dos judeus de Praga; o “Tu deves” majoritário que é transmutado por um “Eu quero” intensivo e desejanter. A literatura menor que dá conta da multiplicidade inerente ao agenciamento coletivo de enunciação; a metamorfose da criança que, liberta da edipianização, cria novos nomes para se apropriar da realidade – a criança nietzschiana enquanto falante de uma língua menor. O além-do-homem de Nietzsche, aquele que ultrapassou os muros do humano, fala iídiche: o iídiche desterritorializa o alemão e o desloca para além dos seus limites; o além-do-homem desterritorializa o homem, transforma-o em ponte, legitima o seu desejo de perecer em nome de um devir-menor que o arrasta por uma linha de fuga e o coloca no caminho da criação inédita – morte e fuga, para Deleuze e Guattari.

Assim, procuramos com este trabalho valorizar uma concepção positiva para as relações estabelecidas entre a linguagem e o inconsciente, buscando com isso a afirmação de um desejo produtivo em harmonia com as criações da vida e com o devir trágico que move o mundo. Durante todo o texto, a psicanálise lacaniana da década de 1950 nos serviu de referência como uma alegoria contemporânea da negação da vida fundada pelo platonismo. Por mais que tenhamos nos ocupado em algumas partes do trabalho com os conceitos próprios a essa filosofia niilista, o foco do diálogo sempre esteve referido ao inconsciente linguístico formulado por Lacan. O universo da literatura apresentou-se, no final do nosso trabalho, como campo privilegiado em que a crítica de Deleuze e Guattari à estrutura linguística do desejo encontra os meios necessários para se desenvolver. Diante da impossibilidade de um maior aprofundamento desse tema, visto o objetivo bem delimitado do diálogo específico com a psicanálise, gostaríamos de pelo menos deixar claro o reconhecimento da experimentação literária como exercício fundamental no sentido de explorar as potencialidades e os limites da linguagem – reconhecimento que nos motiva a seguir por esse caminho em estudos futuros.